

O Baloioço

- Colectânea de Contos Infantis -

Vários autores



Tecto de Nuvens

Título

O Baloço - Colectânea de Contos Infantis -

Edição

Tecto de Nuvens, Edições e Artes Gráficas, LDA.

Rua Camilo Pessanha, 152, 4435-638 Baguim do Monte

tel./fax 224807820; tlm: 960131916 geral@tecto-de-nuvens.pt

www.tecto-de-nuvens.pt

Coordenação literária de:

Teresa Cunha

teresacunha@tecto-de-nuvens.pt

Autores:

António Jesus Cunha; Ilda Pinto de Almeida; Joaquim Armindo; Manuel José Martins; Maria Lucília Teixeira Mendes; Pedro Forte; Teresa Cunha;

Capa:

Hugo Baganha (a partir de um desenho de Gordon Johnson – disponível em regime de copyleft em <https://pixabay.com> – e de uma fotografia de Teresa Cunha).

Paginação

Tecto de Nuvens

Revisão

Tecto de Nuvens

Concepção Gráfica

Tecto de Nuvens

© dos textos: cada um dos respectivos autores

© da colectânea: Tecto de Nuvens, Edições e Artes Gráficas, Lda.

Direitos reservados segundo a legislação em vigor

ISBN: 978-989-54551-9-5

Depósito Legal: 469560/20

Escrita baseada no novo Acordo Ortográfico.

O conteúdo literário e plástico desta obra é da inteira e exclusiva responsabilidade dos autores.

A gerência da Tecto de Nuvens

Apresentação

Era uma vez um vírus muito, muito mau, que afastou as crianças dos seus contadores de histórias favoritos: os avós! Aqueles que desde sempre as conduziram a reinos mágicos, universos fantásticos ou, muito simplesmente, as levaram a viajar até ao tempo em que eles próprios eram crianças...

Era uma vez um vírus muito, muito mau, que impediu as crianças de o serem: de irem à escola, de estarem com os amigos, de brincar ao ar livre, de viverem sem preocupações e ansiedades...

Mas como em todas as histórias para cada vilão há um herói... Era uma vez o autor de histórias infantis!

O autor que cria o mundo fantástico e maravilhoso que as crianças merecem, aquele em que tudo acaba em bem e em que, idealmente, se aprendeu uma lição para a vida. Viaje-se, livremente, pela natureza, pelo campo, pelo bosque, pelo mar, pelo ar! Brinque-se ao ar livre, viaje-se a novos mundos e a novas realidades. Que se aprendam segredos, que são lições de vida.

E, num mundo em que vírus e outros vilões parecem ganhar, que se aprenda que quando se faz o bem com amor tudo se converte em bom.

E, muito importante, mesmo quando beijinhos e outros afetos físicos nos estão vedados, reconhecer que, em qualquer idade, gostamos de nos sentir amados e desejados, objeto de atenção. Que não falem os

sorrisos (nem que sejam apenas com os olhos e por cima das máscaras) e as palavras gentis.

Na capa temos crianças a brincar, nas mais simples das brincadeiras: flores, ervas e um baloiço numa árvore. Tempo esquecido, sol já a pôr-se, pessoas e objetos reduzidos a silhuetas. Tempos de felicidade, e de liberdade, em que os dias não parecem suficientemente grandes para comportar todo o divertimento. São estes os dias que ambicionamos, são os dias que recordamos. Tão simples, tão complicado. É a vida...

Jovem leitor, queremos que te divirtas com as nossas histórias, que as leias, que as partilhes, que aprendas. Foram todas pensadas para ti, hoje filho e neto, amanhã pai e avô. Que nunca deixes de apreciar as coisas boas da vida, que são as mais simples, aquelas em que normalmente nem pensas muito, pois estão sempre lá para ti.

Esta é a tua prenda, neste dia que te é dedicado, oferecida por aqueles que gostam de contar histórias e de partilhar saber. E se também tu quiseres escrever histórias, fica saber que aqui encontras um lugar que as acolhe a todas.

Diverte-te neste Dia Mundial da Criança!

1 de Junho de 2020
Teresa Cunha, editora

Vê na última folha como votar na tua história favorita, habilitando-te a ganhar um prémio.

O mistério do Bosque Amarelo

Junto à casa da dona coruja, entre umas pedras, nasceu uma planta estranha, muito diferente de todas as outras. As folhas tinham a cor das nuvens e o caule era azul, como o céu.

O vento, mesmo muito leve, fazia-a baloiçar de forma tão elegante que muitos passarinhos, logo pela manhã vinham para junto dela. Quando não havia vento, os passarinhos batiam as asas e, dessa forma, a planta baloiçava tão leve como as pétalas da flor chamada dente de leão.

Certa manhã, no começo da primavera, a planta estava diferente. Tinha-lhe nascido uma flor tão bela que parecia um raio do sol nascente. Dias depois, começou a brilhar durante a noite, como se fosse um pedacinho de luar.

Os passarinhos estavam cada vez mais curiosos. Como podia aquela flor, tão diferente,

AS TRAVESSURAS DO NINO

O Nino é um gato muito curioso e irrequieto. É tão, mas tão, irrequieto que dá enormes pulos para agarrar a parede!

Uma vez, o Nino saiu de casa e foi para o quintal para ver se conseguia subir ao guarda-sol, que se movia com o vento que se fazia sentir naquela tarde. Além de curioso e irrequieto, o Nino é bastante resmungão.

O dia estava ensolarado, mas um pouco ventoso, e a dona Lili tinha um grande guarda-sol aberto no pátio da casa. Ela gostava de ler debaixo daquela enorme proteção, sentada no sofá do jardim. O Nino andava sempre por ali a caminhar e a tentar agarrar os pássaros.

Neste dia, ele não estava interessado em mais nada a não ser subir para cima do guarda-sol que abanava bastante com o vento.

A dona Lili, ao ver o gato a subir para o muro e a preparar-se para saltar para o guarda-sol, perguntou-lhe:

A baleia e o agulhão

Andava um dia uma baleia pelo oceano Atlântico quando encontrou um agulhão. Disse de si para si, melhor para as suas barbatanas. Para as barbatanas porque a baleia não tem botões. Se fossemos nós é que falamos com os botões da camisa. “Olha aqui está um agulhão para eu comer. Já tenho lanche.” O agulhão olhou para a baleia e disse com o seu grande bico que parece uma espada. “Estou perdido está ali uma baleia capaz de me escolher para o lanche.”

Antes de dizer o que se passou é melhor falarmos do peixe agulhão, porque senão nem sabemos do que estamos a falar.

O peixe agulhão tem um comprimento de mais de quatro metros e uma barbatana, em cima nas costas, que vai da cabeça até ao final da cauda. Há um peixe de que ele gosta muito no seu almoço que são as cavalas. Isto sabemos o que é. O agulhão é também chamado de marlim, espadim ou agulhão-de-vela, e existe muito na

A VESPA E O FIGO

Uma vespa entrar num figo? Que estranho! Então nós matamos a vespas e comemos os figos. Nunca mais vamos comer figos. E eles são tão bons. Então apanhadinhos da figueira, depois de lavados com água, são uma delícia. Mas as vespas não. São tão feias. Nem queremos vê-las. O que nós pensamos é verdade. Então quando estamos a ler um bom livrinho e aparece uma vespa. Ficamos atarantados. Isto é verdade.

Contemos, então, a história da vespa e do figo. Havia uma vespa que andava em torno duma figueira. E disse: “vou entrar dentro das tuas flores”. A figueira ficou tão contente que chamou por muitas vespas. Porque a vespa entra no figo pequenino por um furinho e fica sem asas. As asas não cabem no furito. O interior do figo é masculino por isso quer uma vespa feminina para poder crescer e ser figo. Ora a nossa vespa que entrou pelo figo coloca

UM SENHOR EM CIMA DE UMA ÁRVORE

Era uma grande árvore. Assim como uma grande figueira, com dois troncos muito grandes a sair da terra. Por isso dava para se subir para ele sem ter o problema de se poder cair. E na nossa história havia um homem pequenino. Tinha mais de cinquenta anos. Bastante gordo. E baixinho. Como uma bola redonda. Este homem tinha uma profissão que era de cobrar impostos, assim como os fiscais que cobram os nossos impostos. Contudo ele tinha um problema é que cobrava mais do que o imposto devido. Tirava muito, mas mesmo muito dinheiro, para o seu bolso. Por isso roubava quem não tinha quase nada.

A sua casa era do melhor que havia. Tinha muitos servos. O servo era como um escravo que fazia tudo que o senhor que cobrava impostos queria. Se fosse hoje faziam uma greve, mas como se passou há mais de dois mil anos não havia greves.

A CODORNIZ

O tempo gira. O azevém, a gadanha, a foicinha, a segadeira. O chamar das jornaleiras. O caminho, a ceifa, a côdea de pão, a lasca do bacalhau, as azeitonas, o vinho; uma merenda. A recolha, o sacudir, o feixe, o coxo, a meda. A alegria de quem canta, o cante de quem afina voz, a cantar se espanta, o barulho, a mecanização. O tempo gira.

Naquele tempo, em Portugal, era assim. O humano e a natureza de mãos dadas para se harmonizarem e para se desavirem. Para se ajudarem e para se proibirem.

A codorniz-comum, ave migratória de pequena dimensão da ordem dos galináceos, dotada de um mimetismo que dificulta muito a sua localização, nidifica junto ao solo e esconde os seus ninhos em searas de trigo, centeio e azevém. O seu canto trissilábico ouve-se em dias amenos. Apura-se o ouvido, um pouco mais de atenção; sem dúvida, a codorniz está a

O BALOIÇO

Sofia desce as escadas e a canção corre-lhe pelos lábios: *o rio corre para o mar, água fresca e transparente, o monte vai até ao céu, a ave voa voou ardente.* A mãe ouve-a e olha admirada. Ainda ontem gatinhavas, hoje já a cantar. Crescer é novidade a despertar, a anunciar, a dialogar. Enquanto caminha para o baloiço, Sofia repete a canção que Joana, sua colega de escola, lhe ensinou. O pai de Joana escreve canções.

A magia do baloiço. Por cima, dos viçosos ramos da árvore surgem as folhas verdes que entregam ao vento mensagens recolhidas noutras paragens. Por baixo o chão em movimento sussurra avisos de mãe. Sofia baloiça devagar suspensa na realidade. O baloiço vai e vem impulsionado pelo corpo de Sofia que recolhe e estende as pernas ao mesmo tempo que, agarrada às cordas, movimenta o dorso para traz e para a frente mantendo o baloiçar a um ritmo cuidadoso. Porque fazem os adultos

O PIQUENIQUE

O piquenique pairava em hora adormecida. Tempo ameno a convidar para a sesta. O repasto foi cheio com bom vinho a temperar. O pai jogava às cartas com os amigos, outros atiravam as patelas e tentavam derrubar o pino, alguns conversavam demoradamente, o grupo das mulheres, com sorrisos e comentários descontraídos, mostra-se o mais alegre. Um ou outro, com vida mais preocupada, aproveita e dorme aproveitando a brisa e a sombra que as copas frondosas oferecem. Aquela senhora olha o rio que, nesta estação, corre calmo levando para o mar sonhos, passos e projetos futuros. O António, como costume, mergulha nas águas serenas e nada como quem dá sapatadas na vida. A mãe, até então distraída, olha para o lado, volta a olhar, insiste e redobra a intensidade. Ouve um comentário que, por um breve momento a distrai. Solta uma gargalhada pouco

A Menina que voava

Era uma vez... Uma vez, não. Muitas! Aconteceu muitas vezes!

Ora bem. Se todas as histórias têm que começar por “*era uma vez*” vamos, então, começar pelo princípio:

Era uma vez uma menina de pernas altas e magrinhas e um grande laçarote de seda branca no alto da cabeça a atar-lhe um punhado de cabelos, ainda louros, que lembravam o repuxo de uma fonte.

A menina vivia numa casa pequenina feita em tabique, porque quando o avô a construiu, ainda não havia tijolos. A casa tinha um quintal pequenino para onde se entrava através de uma porteira em madeira que as chuvas de todos os invernos tornaram carunchosa e cinzenta. Do lado de fora, o alto da porteira ostentava uma ferradura ferrugenta pregada com grandes pregos igualmente ferrugentos e de cabeça dobrada.

O Fabuloso Segredo do Sr. Bonifácio

I

Rui, miúdo sardento e de rebeldes e ruivos caracóis, o mais novo de sete netos, disputava a bola com o esforçado avô Vicente naquele improvisado campo de futebol.

Quatro pedras, todas diferentes, assinalavam algo que lembrasse a posição de duas balizas, naquele poeirento largo da estação do quase esquecido caminho de ferro...

O céu, muito azul, com leves desenhos formados por nuvens envergonhadas, acompanhava um sol que complicava a vida aos jogadores, acrescentando um intenso calor naquele duelo futebolístico.

Entretanto, o futebolista mais novo desconcentrou-se com o sonoro respirar cansado da velha locomotiva a vapor que, ao longe, se ia aproximando da antiga estação da aldeia, ponto de embarque e desembarque, de alguns regressos e muitas despedidas.

Índice

Apresentação		5
António Jesus Cunha		7
	O mistério do Bosque Amarelo	9
Ilda Pinto de Almeida		15
	AS TRAVESSURAS DO NINO	17
Joaquim Armindo		23
	A baleia e o agulhão	25
	A VESPA E O FIGO	28
	UM SENHOR EM CIMA DE UMA ÁRVORE	31
Manuel José Martins		35
	A CODORNIZ	37
	O BALOIÇO	50
	O PIQUENIQUE	62
Maria Lucília Teixeira Mendes		85
	A Menina que voava	87
Pedro Forte		105
	<i>O Fabuloso Segredo do Sr. Bonifácio</i>	107
Teresa Cunha		137
	Era uma vez um livro...	139
Índice		151